

127

in Boletim Bibliográfico, número especial, Fevereiro de  
1970.  
(São Paulo)

GRUPO DE MOÇAMBIQUE "SÃO BENEDITO"  
DE JACAREÍ

UMA PEQUENA INTRODUÇÃO SÔBRE FOLCLORE E MOÇAMBIQUE

MARIA JOSÉ NUNES DE SIQUEIRA

(1.º Prêmio do 24.º "Concurso Mário de Andrade",  
de Monografia sôbre folclore nacional).



UNIFORME

## FOLCLORE

Fazendo parte da Antropologia Cultural temos uma disciplina que estuda o ser humano dentro da sua sociedade, expressando os seus sentimentos, seus costumes, seus atos e reações — é o Folclore.

Este já foi estudado desde a Antiguidade mas o nome hoje usado, é um tanto quanto recente.

O folclore tem por objetivo o estudo dos costumes e tradições da vida popular. Estes costumes e tradições mostram os modos de vida de um povo e podem estar presentes em canções, festas populares, crenças, lendas, folguedos, etc.

O fato folclórico é vivência e deve ser essencialmente popular, retratando o espírito do povo.

O folclore brasileiro tem a sua origem na cultura luso-africana e brasileira. Também aparece a influência dos religiosos que contribuíram diretamente na artificialização do folclore brasileiro ao criar festas populares, modificar outras, dando um “verniz” de civilização às originais e típicas festas populares.

Os modernos e velozes meios de transporte, bem como os veículos de comunicação aproximam os povos. Por isso aumentam as influências e imitações recíprocas, diminuindo as diferenças de costumes, modificando muitas vezes as tradições folclóricas.

Para entender o fato folclórico é preciso compreender o fenômeno social em toda a sua origem, sua evolução nas camadas populares e suas diversificações devido às várias influências. O fato folclórico exprime o sentir, o pensar, o querer popular; todas as manifestações espirituais e materiais do indivíduo, das camadas populares, das nações enfim.

O folclore é vivência, é povo se manifestando em todo o seu esplendor, é tradição! É a sua vida, é a nossa vida, povo!

Falemos do povo! De suas manifestações! Falemos daquele condimento que faz de nossas vidas uma alegria maior. Falemos de dança, bailados, músicas de nossa Terra!

A música e dança brasileira são o cociente de fusões e acúmulos de cantos e danças que os elementos formadores de nossa nacionalidade trouxeram ao Brasil. Esses elementos seriam: — os portugueses, os negros e os indígenas.

Com os fatores ambientais próprios e mais os fatores sociais, humanos, espirituais, houve alteração, modificação, ao mesmo tempo em que resplandecia uma criação nacional, produto de uma grande miscigenação.

O branco nos trouxe a civilização, e de Portugal herdamos a língua, a religião, usos, costumes, tradições, modo de vida, etc. Na música, na dança, nas artes, como em tudo o mais, o branco deixava a sua marca de maneira mais

intensa e duradoura, marca característica de uma superioridade racial, que de há muito se manifestava.

E o africano? Foi de grande importância também. O negro depositou aqui usos, costumes, religiões... Ele nos trouxe e deixou grandes cicatrizes, tanto na dança como na música. Transformou nosso conteúdo musical; deu-lhe nova roupagem e emprestou-lhe maior colorido, mais variedade rítmica, através de seus instrumentos musicais, pela maneira alegre e viva de dançar, pela mobilidade de amoldagem à sua fantasia, os elementos desconhecidos. Além de instrumentos, os negros nos deixaram bailados, melodias, batuques, cantos de feitiçaria... Deixaram-nos o mistério de uma África rude e mística.

Os elementos que nos legaram os negros, apesar de inferiores em importância, são maiores na permanência e exuberantes no seu conteúdo de sentimentalismo.

Do índio, a influência foi diminuta e passional. Fonte constante de inspiração a belas obras de artes os índios nos deixaram alguns instrumentos e motivos para bailados.

As reminiscências indígenas são difíceis de se determinar, mas nem por isso deixam de ser valorizadas, ficando lado a lado com as duas anteriores. As três se atam num belo conjunto composto, cujas peças são diferentes mas o conteúdo é cultura.

Música e dança estão intimamente ligadas tendo tantas formas quantas utiliza o povo em sua vivência. As danças brasileiras, tanto pela sua variabilidade como pela sua composição e frequência, são fiéis expressões do espírito musical do nosso povo.

O negro, dançador por excelência, com seu ritmo, agilidade e extrema mobilidade, deu um toque especial a nossa coreografia. Sentimos ainda, a influência portuguesa, índia, hispânica e de outros povos que para cá vieram, trazendo consigo parcelas culturais. Em todos os setores essa influência se nota.

Os nossos bailados sentem a origem européia, negra e índia como demonstra, notadamente, a interpenetração havida. Os empréstimos de uma e outra cultura se manifestam indo constituir a nossa unidade nacional. É a miscigenação, é o contato cultural dos povos; é a transmissão de cultura, enfim...

## MOÇAMBIQUE

### *Histórico:*

Cada povo tem a sua história. História essa que às vezes nos fascinam pela sua exuberância, originalidade e sentimentalismo. Em sua história, os povos contam o que de belo existiu. E se falarmos em povo brasileiro, poderemos contar uma bonita e emocionante história. História essa sobre o Moçambique — dança folclórica — que é bela por sua história, por sua mobilidade, por sua coreografia...

Brasil descoberto.

O domínio português sobre a nova Terra...

A colonização... A lavoura... Os escravos...

Com eles a escravidão pairava sobre nossa Terra!

Negros trazidos de uma África onde tradições eram deixadas para trás, direitos humanos eram esquecidos e eles eram vendidos aos senhores, para serem

trabalhadores braçais nas mais longínquas e distantes fazendas. Eram negros das mais diferentes origens étnicas, que se dirigiam às fazendas, não havendo possibilidades de perpetuação de suas tradições. Essa diversificação era necessária para não haver grupos que pudessem se levantar contra o domínio branco, que era o senhor absoluto na época.

Mas havia necessidade de se aumentar a população escrava, mais trabalhadores para as fazendas e, então, procurou-se, através do incremento de danças, bailados, pelas autoridades religiosas e políticas a fim de conseguir-se o desejado. Com isso, os negros se entrosariam de melhor maneira, podendo haver uma interpenetração cultural.

Surgem então confrarias mantenedoras das congadas, maracatus, moçambiques, etc., e as danças. Danças essas não desconhecidas na África e mais localizada em Moçambique, onde o domínio árabe se fazia sentir e deixaria o vestígio da origem do nome Moçambique.

Como era o moçambique antigo?

O moçambique antigo era uma dança da escravaria, realizada nos salões de festas, após o jantar e antes do baile, por vontade do senhor. Trajavam-se êsses negros com roupas características. Usavam camisolões, longos e brancos, sob calças comuns. Na cintura amarravam uma faixa preta, na cabeça um gorro vermelho e os pés descalços. Nos pulsos e nos tornozelos usavam um instrumento chamado paiá.

A vestimenta era quase que uniforme a todos, somente se distinguia a do rei, cujo camisolão era de seda e, trazia, na altura da cintura, uma faixa com uma saudação a São Benedito. A rainha também se vestia de branco usando jóias que eram emprestadas pelas patroas ricas. Usavam diadema na cabeça, sapatos, e uma faixa na cintura que geralmente era azul claro.

A dança diferia da atual, apesar de conservar a beleza e origem. Os escravos entravam nos salões de festas cantando em sua língua de origem e dando passos de marcha. O ritmo era marcado com instrumentos, geralmente com a batida dos paiás.

Atualmente, o moçambique conserva a preciosidade e exuberância e, seu conteúdo se identifica com o seu antepassado. Apenas foram introduzidas modificações, que o tempo e a evolução exigiram, apesar de não desaparecer a sua originalidade e tradicionalismo.

Daquela antiga dança de salão, ficou: — o nome, a cor das vestimentas e um implemento — o paiá. O pé descalço ao se dançar o moçambique ainda se conserva.

O brilhantismo da coreografia moçambiqueira se conserva até os nossos dias.

Hoje, o moçambique é um bailado constituído de um sincretismo de danças, juntamente com a dramaticidade de seus cânticos.

O moçambique reside no consenso geral do povo e dos moçambiqueiros, não possuindo estatutos ou regulamentos escritos. É transmitido oralmente, de geração a geração, evoluindo sempre.

São Benedito é o padroeiro dessa confraria.

#### *Localização Geográfica:*

Lendo os estudos de interessados no assunto, pudemos concluir que, em várias partes do Brasil, encontramos o moçambique, não se podendo fixá-lo

em uma área geográfica apenas. Vamos encontrar grupos moçambiqueiros no Vale do Paraíba, Cunha, São Luís do Paraitinga, São Caetano do Sul, Lagoinha, Brasil Central, etc.

Sua difusão se processa, devido ao fervor religioso, que é mais sentido no meio rural, em nossos dias. Isto porque, segundo afirmam, o meio rural é o melhor conservador das tradições folclóricas.

Dentro da zona moçambiqueira paulista, destacamos São Luís do Paraitinga, que é considerada por muitos como a capital do moçambique paulista.

#### *Evolução do moçambique:*

A sociedade se evolui continuamente, e todos os aspectos sofrem transformações.

O moçambique não fugiu a isso. Desde o moçambique de salões até o moçambique atual: moçambique bailado — uma evolução pode ser sentida. Vários fatores contribuíram para essa evolução, principalmente o fator econômico e também o dinamismo ditado pelo meio rural brasileiro.

O povo admira e participa dos espetáculos que o moçambique oferece. O moçambique é o povo se manifestando. E talvez nisso resida toda a “eloqüência” e perpetuação do moçambique.

Antigamente, o escravo era o dançador do moçambique. Hoje, esse mesmo moçambique é recreação, é festa, é beleza, é a culturação de um santo — é a religiosidade do povo — é a exaltação a São Benedito.

Para poder pertencer ao grupo de moçambique, necessário se faz ser católico romano. Esse bailado é o reflexo de uma grande religiosidade. Trazem em seus estandartes o símbolo do santo, patrono da “companhia”.

Adoram e respeitam esse símbolo, descobrindo-se em sua presença e beijando-o em sinal de adoração e respeito.

O moçambiqueiro sente que sua dança é uma obrigação, devida ao santo.

O pertencer ao moçambique dá ao indivíduo uma certa posição dentro do local onde vive, isto principalmente na zona rural; e também impõe-lhes sanções, ou seja, restrições a vícios e a brigas entre os irmãos de confraria.

#### *Organização:*

Os dançadores se organizam em companhias, cujo número de elementos varia. Há rei, rainha, príncipes, princesas, mestre, contramestre, capitães, generais e caixeiros. Em uma companhia nem sempre há todos esses elementos.

O cargo ocupado pelo moçambiqueiro e seus deveres se referem ao bailado, e também à sua vida comum.

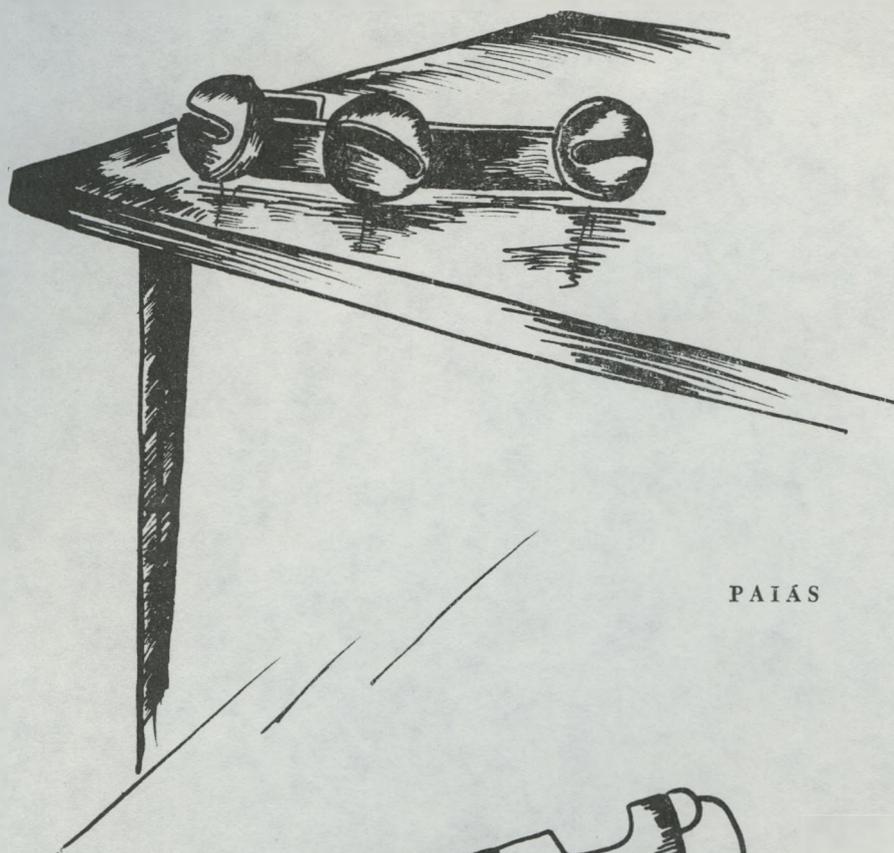
São respeitados e queridos tanto na organização da dança como em sua vida dentro da comunidade.

A principal figura do moçambique é o mestre, com amplos poderes, funções e encargos. Obedecem apenas ao rei. A admissão de dançadores e dos demais componentes da companhia é feita pelo Mestre. É ainda ele quem aceita os compromissos, seleciona as danças, canta e improvisa as quadras e provê as necessidades do grupo, quanto aos instrumentos e vestimentas.

O parceiro do Mestre é o contramestre, bem como o seu substituto.

Para acompanhar o rei temos a rainha. Temos ainda o capitão, aquele que cuida da ordem entre os dançadores em todos os movimentos e canto. É substituído pelo General, que também cuida da ordem correta da dança.

Aos caixeiros, cabem dedicar-se ao instrumento com todo respeito e amor, e fazer deles a “voz” do moçambique.



PAIÁS

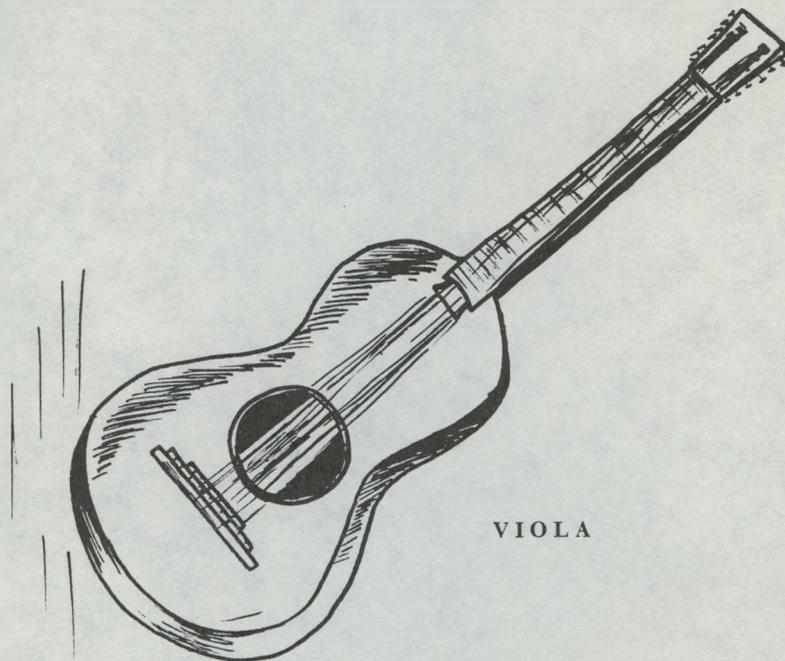


APITO

Todos dançam e procuram demonstrar o amor pelo santo que lhes vai n'alma.

*Uniforme:*

Os moçambiqueiros trajam-se geralmente de branco, usando enfeites bordados em côres, fitas, laços coloridos. Usam geralmente uma fita, com a côr e denominação da companhia.



Faz parte dêsse uniforme um bastão de madeira, com o qual marcam o ritmo e fazem certas evoluções; êsse bastão é roliço, possuindo certos enfeites, ou talhados, ou feito com fitas.

Os pés descalços, sendo isso uma tradição.

*Instrumentos:*

Os instrumentos musicais usados nas companhias de moçambique variam, de acôrdo com a situação econômica do grupo.

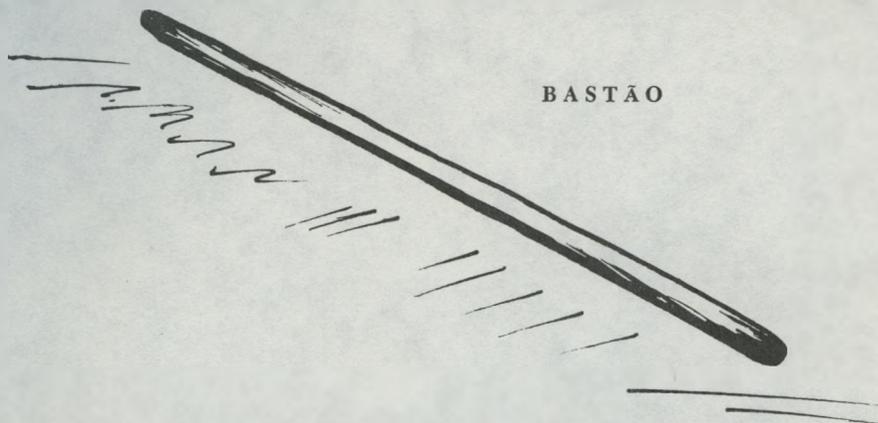
Temos violas, violões, cavaquinhos, rabecas, caixa de guerra, de repique, pandeiros, reco-recos, guizos, adufes, etc.

O mestre usa geralmente o apito com a finalidade de chamar os dançadores à dança, mas, quando não o possui, toca a caixa, com a mesma finalidade.

Outro acessório instrumental da dança moçambiqueira são os paiás, cujo nome é pouco conhecido no Brasil. São formados por guizos do mesmo tama-

nho mas, com sons diferentes, prêsos geralmente a uma correia de couro que é amarrada no tornozelo do dançador. Os guizos são geralmente de bronze.

Os bastões de madeira roliça são também usados pelos moçambiqueiros, fazendo parte do instrumental. São usados para marcar o ritmo dos cantos e fazer desenhos no chão. O manejo dos bastões exige grande perícia e agilidade.

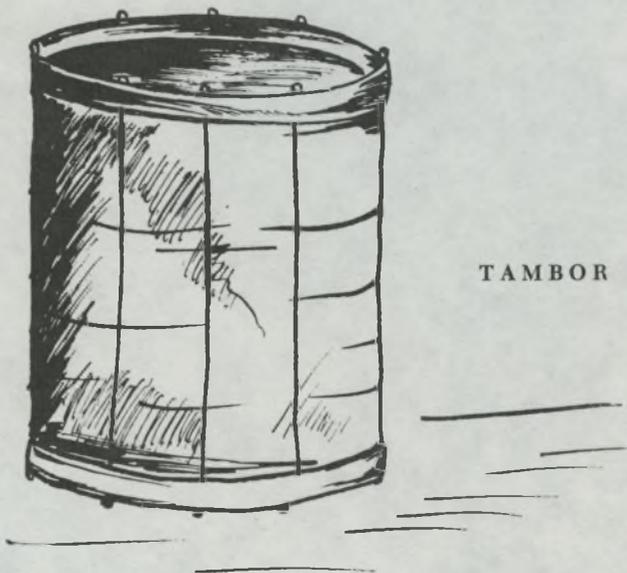


BASTÃO

A caixa, poderíamos dizer que é o instrumento mais importante do moçambique. O caixeiro é quem a toca, sendo êsse, o seu cargo dentro da dança.

Há ainda que considerar, como parte do instrumental moçambiqueiro, os guizos, latinhas ou chocalhos que são amarrados ao tornozelo do dançador. As latinhas são cheias de pedrinhas ou guizos pequeninos que fazem barulho a cada passo do moçambiqueiro.

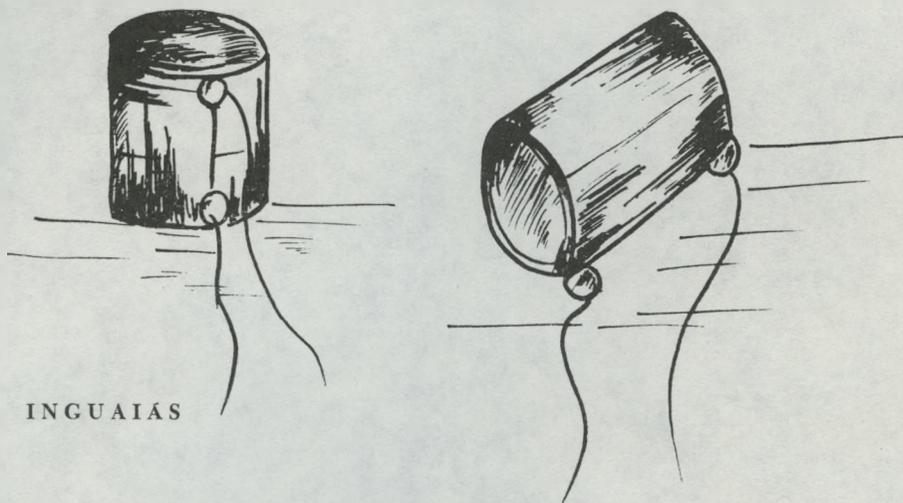
Os instrumentos fazem parte da vida dos moçambiqueiros. Devotam, a êles, todo carinho e cuidado.



TAMBOR

*A Bandeira ou Estandarte:*

O objeto de maior veneração e atenção numa Companhia de Moçambique é a Bandeira. Símbolo sagrado, dileto, como se ali São Benedito estivesse a presenciar e dar graças aos seus devotos pela dança, canto e por tudo que êles deixam transparecer, de amor e bem querença, durante a dança.



INGUAIAS

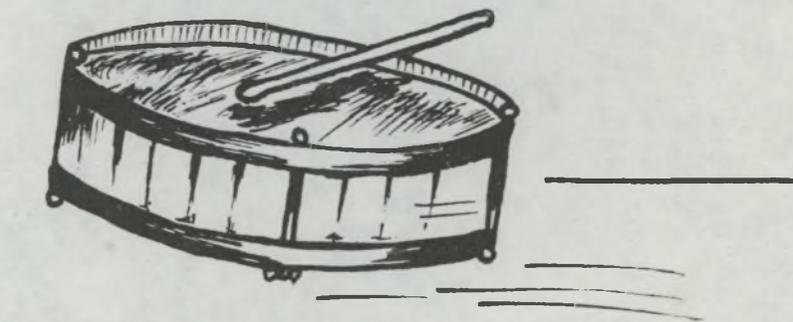
É guardada com maior zêlo possível, na casa do Mestre. E, através do beijamento e saudação, prestam a sua homenagem ao Santo.

Geralmente, quem a leva é o Rei. Ela vai à frente da Companhia, sendo depositada num lugar onde todos a observem.

*A dança:*

As **Companhias Moçambiqueiras** são convidadas, em geral, em qualquer festa religiosa que haja.

Na zona rural, a dança pode ser feita na capela das fazendas, ou então, na própria casa em que foram convidados.



CAIXA

Na cidade, dançam geralmente em frente às Igrejas, ou então, acompanham procissões. Em sua dança, êles prestam homenagem ao santo, à Igreja, aos festeiros e aos presentes.

Em pesquisas feitas por estudiosos do assunto, notou-se que há companhias que obedecem uma determinada ordem em sua cantoria e dança. A essa ordem damos o nome de "linha".

Para a formação do grupo, para a dança, vemos que os moçambiqueiros se colocam em duas fileiras, que se defrontam, deixando um espaço livre. Essas fileiras são chamadas "linhas".

O Mestre é o primeiro de sua fila, sendo o seu companheiro o Contra-mestre, que também é o primeiro da outra fila.

Para o início de uma dança, o Mestre chama os seus irmãos, com o apito ou toque de caixa. São arrumadas as fileiras. Faz-se a saudação religiosa que é composta de orações e diversas saudações. Após essa saudação, inicia-se o canto e a dança. Conserva-se a mesma duração de tempo em todos os espaços da dança. Fazem tôda aquela coreografia própria do moçambique, cada elemento desempenhando a sua devida função até o final da dança.



ADUFE

Após algumas horas de dança, o Mestre dá início à parte final do Moçambique. Com a mesma precisão e agilidade, tudo retorna ao seu lugar, bastão, instrumentos, bandeira, etc., sendo guardados todos os apetrechos. Terminados os Vivas encerra-se a dança.

O Moçambique é uma dança conjunta, coletiva, onde cada pessoa é parte integrante do todo. Poderíamos dizer, que o moçambique é um grupo socialmente estruturado, onde temos uma autoridade; normas que devem ser respeitadas, assim como preceitos religiosos e uma finalidade comum. Os membros desse grupo são de tal forma disciplinados e compenetrados em seus objetivos, que fazem do mesmo, uma só "cabeça pensante". A melodia e versificação são improvisadas, tendo um ritmo seguro, acompanhado de uma belíssima, vivaz e graciosa coreografia.

O moçambique é uma das tantas belezas de nosso imenso país, que tradicionalmente devemos perpetuá-las.

### GRUPO MOÇAMBIQUEIRO DE JACAREÍ

Grupo de Moçambique "São Benedito" — êste é o nome do grupo moçambiqueiro da cidade de Jacareí.

JACAREÍ: — localizada a leste do Estado de São Paulo é uma das muitas cidades do Vale do Paraíba.

Fundada em 1652 por Antônio Afonso e seus filhos, Bartolomeu e Estevão. Foi elevada à vila em 1653 pelo donatário D. Diogo de Faro e Souza e à categoria de cidade a 3 de abril de 1849.

Está localizada à margem direita do Rio Paraíba do Sul. Dentre as tradições jacareenses, notamos a dança do Moçambique.

Participa êsse grupo de quase tôdas as festas religiosas da cidade, sendo os primeiros a serem lembrados quando se pensa em organizá-las. Tôda a cidade o quer como um adorno precioso às festas.

O grupo de moçambique "São Benedito", compõe-se de um número variável de pessoas que vai de oito a trinta.

Atualmente, conta com vinte e quatro integrantes. Ao se iniciarem no moçambique êsses elementos não mais pretendem deixá-lo. Dedicam-se a êle, de "corpo e alma". É êle, a sua religião, sua principal devoção, seu passatempo, sua maneira de oração...

Para se tomar parte no Grupo de Moçambique de Jacareí poucas exigências são feitas. Seus integrantes podem pertencer a qualquer classe social; possuir qualquer idade (havendo porém uma idade mínima); ou descender de qualquer raça. Exige-se porém que pertença à religião católica. Sendo frequentador assíduo desta igreja, êle se compromete a progredir no aprendizado da dança, empenhando-se com afinco.

Para uma melhor unificação do grupo, e um melhor aprendizado de sua coreografia, ensaios periódicos são realizados. De cada quinze dias, se reúnem, tendo sempre em vista objetivos elevados de fé e homenagem a Deus e aos Santos.

No nosso grupo moçambiqueiro, vamos encontrar as figuras do Mestre, Contramestre, Rainha, "Pegadeiras de Bandeira", Capitão, Meirinho, Caixeiro, dançadores e dois outros instrumentistas.

#### *Personagens:*

Joaquim Pereira de Faria é o Mestre do Grupo de Moçambique "São Benedito".

Homem simples e humilde onde as raízes de uma tradição secular podem ser, claramente, identificadas. Dedicam-se às atividades agrícolas em um sítio num bairro de nossa cidade. Nas horas de folga é um excelente e querido sapaiteiro em uma de nossas ruas jacareenses.

Ao se defrontar com o homem Joaquim Pereira de Faria, nada de excepcional se apresenta. É um homem educado, com voz calma e macia, um tanto reservado, senhor de uma extrema simpatia.

Mas, essa sua natural reserva desaparece, ao se falar do moçambique. A sua voz se torna vibrante e os seus olhos parecem sentir cada sílaba do que fala. Sentimos, como que ali estivesse um prêto velho, vivido e sovado com a vida, a nos ditar palavras arrancadas do "fundo de seu ser", ensinamentos preciosos e normas de uma longa existência feliz.

Joaquim Faria, como é chamado por seus companheiros, é um mulato, velho, com seus 53 anos bem vividos, com instrução primária e com uma

filosofia de vida belíssima. Dedica-se à atividade moçambiqueira há quarenta anos, aproximadamente. Iniciou-se com 13 anos no Bairro do Pimentel numa pequena companhia que se organizava. Conhece como poucos, a arte folclórica, e o sentimento popular mais puro; faz disso a razão de sua vida calma, pacífica, saudável.

Em nossa conversa, êle nos fêz crer na sinceridade dos propósitos de seu grupo. Deu-nos uma aula sôbre religiosidade, moralidade e felicidade.

Joaquim Faria, em tôda a sua simplicidade, cativa até os mais letrados doutores quando a êle se chegam com sinceridade e com vontade de conhecer um pouco de nosso povo, de nossas tradições, de nosso moçambique.

Na organização da dança, ocupa o primeiro lugar em uma das fileiras, pois é o Mestre.

Êle quem resolve os problemas da Companhia. Quando se deseja entrar no grupo recorre-se a êle. Prestam-lhe a maior obediência e respeito, procurando sempre seguir-lhe os passos. Encarrega-se de marcar os encontros, as reuniões, assume responsabilidades na organização do grupo e em relação a encontros, em que a Companhia é convidada a participar. Tudo isso, êle faz prazerosamente e com aquela fé fervorosa de estar sempre servindo a Deus.

O Contramestre — Manoel da Costa Pimentel — é o primeiro da outra fila e parceiro do Mestre, em tôdas as evoluções, bem como, no manejo do bastão.

Ê o substituto do Mestre e possui grande conhecimento da dança. Com os seus 52 anos, dos quais, 40 dedicados à dança do moçambique, demonstra uma grande agilidade e leveza de corpo.

Integrou-se à Companhia de Moçambique devido a um voto feito a São Benedito e, até hoje, sua devoção é grande e inabalável é a sua fé.

Ê um homem rústico e pobre, exercendo a profissão de pedreiro, no bairro de Vila Pinheiro, em Jacareí, mas possuidor de grandes conhecimentos e experiências, adquiridos na vida cotidiana, pois só cursou a escola primária.

Hoje se sente um homem realizado.

— Deus é bom e generoso, e eu sou feliz.

— São Benedito me protege e eu confio fervorosamente Nêle.

Essa é mais uma demonstração da grande devoção e amor, que os nossos moçambiqueiros procuram demonstrar, tanto no modo de falar, como na maneira de dançar.

Atualmente, a Companhia de Moçambique “São Benedito” de Jacareí, não possui Rei. O Mestre nos dá uma explicação, dizendo que, em nossos dias, difícil se faz encontrar pessoas com responsabilidade para ocupar êsse cargo.

Os moços, atualmente, procuram novas formas de divertimento, não tendo muita religião e nem muita responsabilidade, com respeito às coisas de Deus. Enquanto não aparecer alguém competente para ocupar o cargo, êle ficará vago.

Isaura de Almeida é a Rainha do nosso grupo de moçambique.

Com 38 anos, é trabalhadora braçal, passando todo o seu dia na lavoura. Não possui instrução primária, mas, procura dar a seus filhos o que não teve.

Devota grande amor à Companhia de Moçambique e é, por isso, que a tem em primeiro plano. Aos domingos, quando pode descansar em seu lar, da labuta semanal, larga tudo e segue com o grupo, para os ensaios e as festas.

Há mais de um ano faz parte da Companhia de Moçambique e pretende continuar, com ela, até quando suas fôrças permitirem.

Ocupando o cargo de Raíña, ela vai à frente do grupo, juntamente com duas outras moças que ocupam o cargo de "Pegadeiras de Bandeira".

As "Pegadeiras de Bandeiras" vão à frente do grupo, juntamente com a Raíña; carregando, respeitosamente, as Bandeiras, onde estão estampadas, a óleo, as imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Ocupam esse cargo Tereza Maria dos Santos e Vicentina de Almeida. São moças simples, não tendo nenhum estudo, com uma idade aproximada de 15 anos. Há dois anos se integraram na Companhia de Moçambique.

São tímidas, não gostando de conversar muito e apenas convictas a dizer, que o moçambique é uma religião para elas. Faz parte de suas vidas, assim como o divertimento, o passeio, as festas, só que nesses, há a despreocupação, e naquêle, há a responsabilidade e a religiosidade.

Seis Capitães formam o côro principal e os demais, denominados "irmãos", constituem o resto da Companhia de Moçambique de Jacaréi.

Todos êles são pessoas simples, humildes, que fizeram do Moçambique parte integrante e inseparável de suas vidas. Acham-no uma religião, uma devoção, um divertimento, uma preciosidade.

O primeiro Capitão é *Olivério Henrique* — môço simples, grande vivacidade, tendo no moçambique o seu divertimento. Dança-o por devoção, religião e prazer.

Após o Capitão, temos os outros dançadores:

*José Pedroso*, que conta 50 anos, dos quais há vinte, participa do moçambique. Trabalha como oleiro, não tendo instrução primária.

Tem o Moçambique como sua Religião. A vida é difícil, segundo José Pedroso, mas o moçambique dá ânimo e disposição para continuar lutando.

*Pedro Antônio* é outro dançador, atualmente com 29 anos, sem qualquer instrução primária, trabalhando na lavoura.

Dança o moçambique há cinco anos, porque gosta, acha-o muito importante dentro da Religião.

*José Antônio de Souza*, môço com 18 anos, participa do moçambique há sete anos. Encara-o como uma Religião.

*José Benedito Barbosa* é outro dançador que começou por devoção a São Benedito e completa, êste ano, dez anos de moçambique. Integrou-se quando tinha 26 anos, e hoje, se arrepende de não tê-lo iniciado antes, pois acha que faz falta em nossa vida, sendo um compromisso; uma forte religião.

*Santiago Eufrázio de Oliveira*, é um dos velhos irmãos do moçambique. Iniciou também há dez anos passados.

Sempre comparecia a festas onde havia essa dança, apreciando-a. Um dia, resolveu falar com o Mestre e êsse o aceitou. Sente-se hoje realizado dentro da Religião.

*João Bento de Moraes* — foi um dos primeiros dançadores do moçambique, com trinta e cinco anos de dança, e 52 de idade. Iniciou-se por devoção e hoje é para êle uma diversão, além de Religião.

*João Justino* — é outro dos mais velhos dançadores, com trinta anos de dança e 56 anos de idade.

Iniciou sua vida religiosa com a Irmandade de São Benedito e já, há algum tempo, integrou-se ao Grupo Moçambique de Jacaréi, também como devoto fervoroso do santo padroeiro da Companhia.

Ainda temos outros dançadores como *José Benedito*, com seis anos de moçambique e 40 de idade; *Ângelo Henrique*, com 20 anos de idade, dedicando-se

ao moçambique há três anos; *José Henrique de Almeida, Benedito de Oliveira, João Alves dos Santos.*

Os caçulas do grupo são: — *Aparecido Henrique*, que tem apenas 13 anos e participa há três anos.

No seu pouco entender sobre a vida, acha que o moçambique é uma das melhores coisas que existem, é uma boa religião e diversão.

*Claudinei de Almeida* é o outro. Tem 14 anos de idade e um ano de moçambique. Iniciou por vontade dos pais e hoje o tem como uma séria religião.

Além desses, há o Meirinho — *Benedito de Almeida* — que se encarrega de ensinar aos jovens os segredos da dança. Seu trabalho é quase o de um coreógrafo. Benedito de Almeida tem 49 anos e participa do moçambique há um ano.

Acha-o um divertimento, religião, devoção e penitência.

O moçambique alterou-lhe o sentido da vida; deu-lhe nova visão e maior alegria. Como devoto de São Benedito fazia parte da Irmandade. Daí, a sua integração no Grupo de Moçambique “São Benedito”. Sente-se feliz e realizado.

O acompanhamento musical do Grupo de Moçambique é feito por Joaquim Antônio, Adolfo Rosa, José Antônio Souza e José Benedito.

Joaquim Antônio toca “rufo” (instrumento de percussão). Adolfo Rosa é o caixeiro, figura de grande importância no moçambique. José Antônio de Souza toca pandeiro e José Benedito, o adufe.

Têm esses homens o máximo de respeito e proteção com relação aos seus instrumentos.

Se fizermos um rápido retrospecto sobre todo o Grupo moçambiqueiro São Benedito, veremos que, das pessoas integrantes desse grupo, a maioria é mulato. Temos poucos brancos e alguns negros. Nenhum deles sabe ler e escrever corretamente. A maioria, tem apenas curso primário.

São católicos fervorosos, frequentadores da igreja mas, assim mesmo, não fogem das credences e superstições, que estão plantadas em seus corações e em suas maneiras de agir.

Dedicam-se de corpo e alma ao moçambique, alegando que o tem como religião, devoção e divertimento. Graças a êle são felizes, têm saúde. Dar Graças a Deus e a São Benedito, uma oração que fazem diariamente, religiosamente, e nunca a esquecem.

Os componentes do Grupo de Moçambique “São Benedito” residem todos em Jacareí, tendo as mais variadas profissões, como: oleiro, lavrador, ajudante de caminhão, pedreiro, etc. Moram em bairros diferentes, sendo que a maioria reside no Bairro do Rio Abaixo. Temos ainda residentes no Bairro da Vila Pinheiro, Meia Lua, etc.

São pessoas pertencentes à classe social baixa, com uma situação financeira bastante precária. Não têm muitas pretensões, tendo sempre um pensamento humilde, honesto, sincero, coberto de grande religiosidade, que, segundo eles, todo moçambiqueiro deve ter.

Apesar de morarem em pontos diferentes da cidade, eles têm um local de encontro, onde são feitos os ensaios quinzenais. Esse local está situado no Bairro de São Sebastião, onde há uma igreja rústica e modesta, que está sendo remodelada. É uma igreja tradicional da cidade, pequena e bem antiga. Aí os moçambiqueiros se reúnem para ensaiar a dança do moçambique, cantar e embelezar as tardes de domingo, nesse bairro.

Os ensaios são feitos nos domingos de cada quinze dias, às quinze horas, pois assim, todos já puderam descansar o corpo da labuta semanal e se enco-rajam novamente para iniciar nova semana.

Os ensaios são suspensos quando o grupo recebe convite para participar em festas.

O Grupo de Moçambique "São Benedito", freqüentemente, recebe convites da cidade ou de cidades vizinhas, para se apresentar em diversas solenidades.

Do Vale do Paraíba, o nosso Grupo Moçambiqueiro já percorreu tôdas as cidades. A grande cidade de São Paulo também já hospedou o nosso grupo moçambiqueiro.

Por essas exhibições, êles nada recebem financeiramente, fazem-no por devoção e prazer. A dança é uma religião para êles, e não uma situação de comércio.

Dançam de boa vontade e com todo amor, quando são convidados. Para isso, quem os convida se compromete de lhes fornecer condução e alimentação, pois a maioria é pobre, não tendo recursos econômicos suficientes.

Essa alimentação é à moda da roça. Isso quer dizer que, quando os moçambiqueiros saem para dançar, êles levam, geralmente, a família. A condução e a alimentação se estende a todos sem distinção, dançadores e familiares.

Quando a Companhia é convidada para dançar, saem pela manhã, passam o dia e retornam ao entardecer. Nesse dia êles esquecem qualquer cansaço ou doença, nem se lembram que no outro dia a vida de trabalho continua.

Os compromissos aceitos pelo Grupo, geralmente são no domingo, não interferindo na labuta cotidiana. Há exceções, é evidente, e se isso acontece, a Companhia deixa o seu trabalho para satisfazer a vontade de Deus, Nosso Pai.

#### *Indumentária:*

A indumentária da nossa Companhia de Moçambique é simples, isto acontece devido à falta de recursos econômicos. Segundo as palavras do Mestre, Joaquim Faria — tudo que agrada a Deus, o dinheiro é curto. E ainda prossegue dizendo que, se fôsse homem rico, seu povo brilhava.

Apesar de simples, a indumentária obedece o tradicional e não deixa nada a desejar, pois a beleza da dança suplanta a falta de riqueza no trajar.

Os nossos dançadores se trajam com calças compridas brancas, de algodão ou brim; camisa branca de manga comprida, de algodão ou um tecido mais fino.

Nos pés usam tênis branco. A isto temos uma ressalva, pois o moçambiqueiro, segundo a tradição, dança descalço. Explica-nos o Mestre, que o uso do tênis começou há pouco tempo, e é devido as ruas atuais serem calçadas, machucando os pés dos dançadores durante o bailado. Porém, na roça êles dançam descalços.

Todos os moçambiqueiros usam barretes e um "robussinho" ou "murse", que é uma espécie de capinha, de côr negra, que se coloca sôbre a camisa, na altura dos ombros, amarrando-se no pescoço. Êsse "robussinho" é igual ao que a Irmandade de São Benedito usa.

O barrete é ornamentado com fitas que variam do vermelho, azul, verde ou branco. A quantidade de fitas é variável, e o padrão também.

A calça é prêsna no tornozelo por um cordão grosso, sôbre o qual se amarra as correias dos paiás.

Sôbre a cintura podemos ver uma fita longa de côr azul, com mais ou menos cinco centímetros. É amarrada sôbre a cinta com um "nó de gravata", caindo duas pontas na altura da coxa. O significado da fita seria de grande complexidade na ornamentação da indumentária.

Temos, ainda, duas fitas largas que lhes cruzam o peito — uma azul e outra vermelha. A fita vermelha é a mais larga e traz a seguinte inscrição: — Jacaréi — S. B. N. S., que pode ser explicada — Jacaréi — São Benedito — Nossa Senhora. A faixa é um sinal de distinção e respeito.

Suas ornamentações variam individualmente, conforme a categoria hierárquica que pertencem, ou então, de acôrdo com a antiguidade e o merecimento do membro, dentro da Companhia Moçambiqueira.

O Rei possui a indumentária um pouco diferente do resto do grupo. A calça e a camisa são brancas, como os outros, sômente o tecido é diferente. Geralmente, a sua roupa é de sêda. Transpassando o seu peito, ao invés da fita vermelha, há uma fita verde mais brilhante e mais grossa.

Atualmente, como já dissemos anteriormente, a Companhia de Moçambique de Jacaréi não possui Rei.

A Rainha, acompanhante do Rei, também possui a indumentária característica. Veste-se de branco, sendo o seu vestido de sêda. Sapatos brancos acompanham a roupagem. Também transpassando o seu peito, podemos ver uma faixa verde, com dez centímetros aproximadamente, onde se lê a inscrição — Salve 13 de maio — Salve Princesa Isabel. Tanto o Rei como a Rainha usam capas de côres vistorsas, fazendo as vêzes de um grande manto. Na cabeça usam coroas.

Tanto as coroas como os mantos são usados apenas em grandes festas, como aquelas consagradas a São Benedito, que em Jacaréi preenche tôda uma semana, com missas, danças e quermesse. Nessa semana de festa, tôda cidade se movimenta e participa.

Naturalmente, as diferentes pessoas que a cada ano participam como festeiras, já conhecem a tradição de se convidar o Grupo de Moçambique "São Benedito" durante a festa e para o encerramento da mesma.

As "Pegadeiras de Bandeira" trajam-se de branco, acompanhando a Rainha. Usam também a mesma faixa que se vê com a Rainha, ou seja, a faixa verde onde se lê: — Salve 13 de maio — Salve Princesa Isabel.

Cabe salientarmos algo que diferencia o Meirinho do resto do grupo. O Meirinho é aquêlo que ensina aos mais novos os segredos do moçambique.

Quanto a sua vestimenta, é igual ao resto do grupo. Apenas, não usa a calça amarrada no tornozelo, nem os paiás, pois não participa da dança, propriamente dita. Localiza-se no final da fila e fica observando tôda a realização da dança.

Sôbre o peito traz uma larga faixa verde onde se lê: O embaixador dos Moçambiqueiros.

Não importa o número de anos que participa do moçambique, o que importa é o conhecimento que tem da dança, transmitindo-o aos dançadores mais moços.

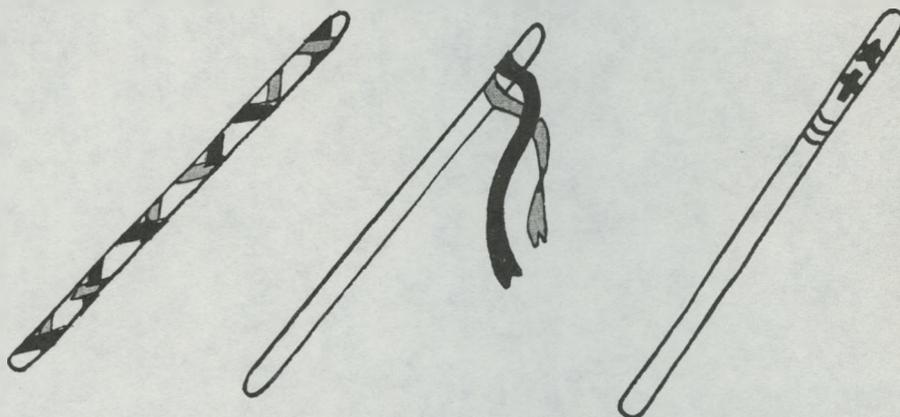
Considerado como indumentária e sendo, ao mesmo tempo, um instrumento, o bastão faz parte de algo obrigatório e tradicional do Moçambique.

Todos os dançadores usam um bastão de madeira, com o qual marcam ritmo, batendo-os no ar, e também fazendo desenhos no chão, quando a coreo-

grafia da dança o exige. Segundo o Mestre, o bastão mede cerca de dois palmos e meio de comprimento, sendo de madeira roliça.

Ele é feito, de preferência, de piúva, ou guatambu, que são madeiras mais ou menos leves. Corta-se o bastão de modo adequado, polindo a sua superfície. Para deixá-lo mais bonito, passam-no no fogo. O bastão fica assim "corado", com uma cor amarelo-queimado.

Esse bastão é ornamentado de acordo com o gosto do dançador. Alguns enfeitam-no com fitas em uma de suas extremidades. Outros o preferem liso. Em algumas Companhias moçambiqueiras, o bastão é todo coberto por fitas cruzadas ou então é talhada a madeira. Usam-no para cruzar no ar, na hora da dança, ou para desenhar-se no chão uma figura a ser dançada.



Bastão enfeitado com fitas

Bastão talhado

Tôda a indumentária, bem como os instrumentos usados pela Companhia, são bentos. Se o padre não os benzeu, eles não os usam, até que isso seja feito.

#### *Instrumental:*

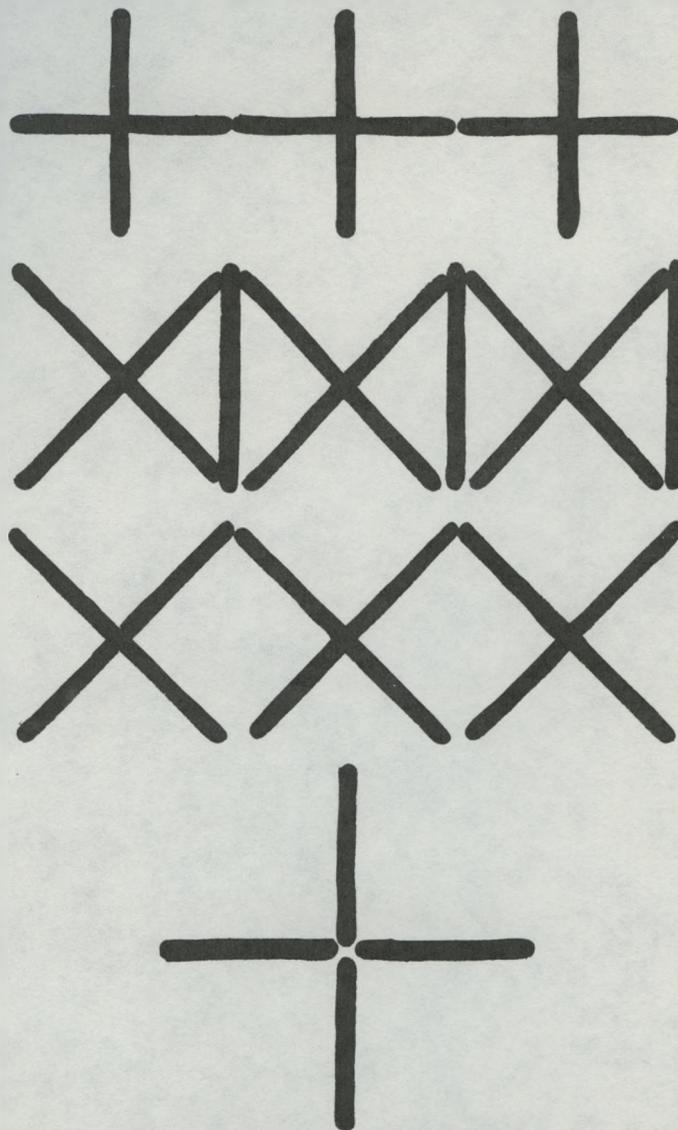
O Grupo de Moçambique "São Benedito" usa como instrumento principal, marcador do ritmo e acompanhante dentro da dança e canto, a Caixa. Quem a toca recebe o nome de caixeiro. O caixeiro de nossa Companhia é Adolfo Rosa. Homem de pouca cultura, mas de grande responsabilidade e honestidade e bons sentimentos. Assim como os seus companheiros, possui um grande sentimento religioso e muita devoção a São Benedito.

Figuram ainda como instrumentos o rufo, o pandeiro, o adufe e os paiás. Joaquim Antônio faz um belíssimo acompanhamento à cantoria, com o rufo.

José Antônio Souza toca pandeiro e José Benedito o adufe.

Apesar de não terem tido nenhuma educação musical, esses homens têm uma bela educação religiosa, adquirida com a própria vivência e que lhes permite dar um sentimento harmonioso em tudo que fazem.

Alguns desenhos feitos com bastões, no chão, pelo Grupo de Moçambique “São Benedito”.



Os bastões, marcam o ritmo, podendo estar incluído dentro do instrumental moçambiqueiro.

Alguns grupos moçambiqueiros usam “inguaiás” feitos de latinhas cheias de pedrinhas, de onde partem duas argolas pequenas, onde são amarrados fios que serão atados às pernas. Atualmente, isso desapareceu em nossa organização, ficando somente os paiás.

Os instrumentistas têm que zelar por seus instrumentos, como zelam pela própria vida. É assim também no que diz respeito à vestimenta.

O instrumentista deve ter alguma inclinação musical, para o instrumento que escolher, principalmente. Deve ser responsável e muito religioso.

#### *A Bandeira:*

O nosso Grupo de Moçambique possui duas bandeiras.

Temos a que representa São Benedito e outra Nossa Senhora do Rosário.

A bandeira de São Benedito é em tecido rosa, brilhante, onde a imagem do santo, foi pintada a óleo. É toda enfeitada com fitas vermelhas, rosas e brancas. Foi feita e doada por uma antiga Mestra de Jacareí, cuja família, de grandes tradições, ainda reside na cidade.

Essa doação, foi para os moçambiqueiros uma grande alegria e um acontecimento importante. Cada vez que a ela voltam os olhos, agradecem a Deus a mão que a criou. Esta bandeira, com seus dez anos de uso, continua nova e perfeita.

A bandeira onde está pintada Nossa Senhora do Rosário é do mesmo tecido que a de São Benedito, sendo branca. Está também ornamentada com fitas vermelhas, rosas e brancas. )) →

Essas bandeiras são objetos de grande veneração e respeito, assim como, também, em outras Companhias. São guardadas com todo o amor, cuidado e zelo, na casa do Mestre.

Quando a Companhia Moçambiqueira comparece a alguma festa, as bandeiras abrem o cortêjo com grande suntuosidade. É sempre colocada em lugar de destaque e à vista de todos, quando vai ser dançado o Moçambique.

#### *A dança:*

A dança moçambique obedece uma seqüência prevista de acontecimentos. Para que ela se realize, alguns "passamentos rituais" a antecipam.

Dado o sinal de início, os dançadores começam a se arrumar. Vestimentas, instrumentos, bastão, etc., tudo começa a se localizar.

Os dançadores, sob ordem do Mestre, se colocam em duas fileiras ou "linhas". Faz-se a oração. A seguir temos o beijamento da bandeira e, logo após, a sua saudação.

Saúda-se também o padrinho da festa. Canto em homenagem ao santo da festa e o seu beijamento. Após isso, inicia-se a dança, propriamente dita.

O Mestre é o primeiro de sua "linha". Fazendo parceria com o Contramestre, que também é o primeiro da outra "linha"; a que, em geral, pertencem àquêles acostumados a fazer o contracanto.

Todos os dançadores se dispõem nas fileiras, seguindo uma perfeita linha reta. As fileiras se defrontam como linhas paralelas, deixando entre si um espaço calculado de um metro e meio, mais ou menos. Bastão na mão direita.

Faz-se uma saudação religiosa. O Mestre, respeitosamente, se curva, a cabeça abaixada, e pede graças e proteção a Deus, fazendo então o convite para a dança.

O canto e a dança se iniciam:

Fala o Mestre:

— A Estrêla era

- Todos respondem:  
 — É a Virgem Maria  
 O Mestre:  
 — Divina Glória  
 Todos respondem:  
 — Mãe de Deus  
 Cantoria geral, salientando-se a voz do Contramestre.  
 Viva Mestre, Contramestre,  
 Viva todo dançadô,  
 Viva a nossa Rainha,  
 Nosso Meirinho,  
 Nosso Rei e Imperadô.

Quanto a dança, a posição das fileiras se altera constantemente. Grandes evoluções são feitas deixando transparecer, aos nossos olhos, uma grande exuberância de coreografia.

*Alguns passos da dança:*

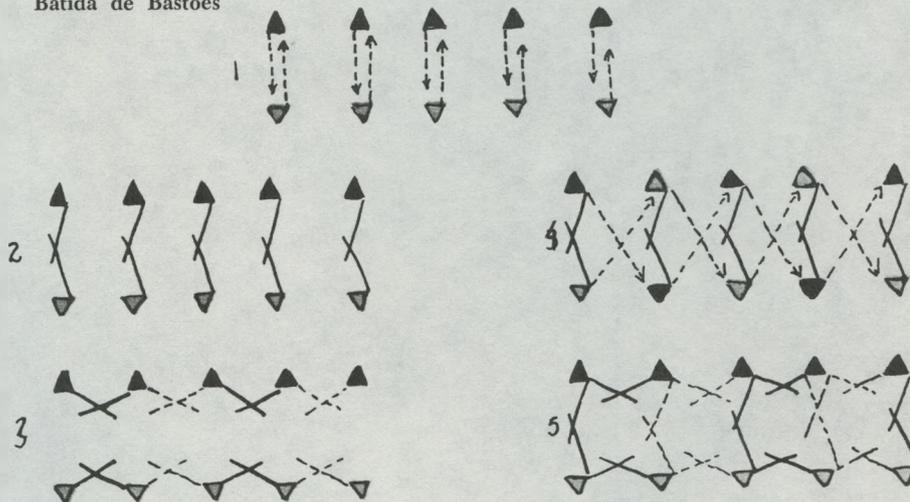
Um dos passos mais comuns na dança é o seguinte:

1 — Um passo para trás, deslocando-se o pé esquerdo. Outro para a frente, deslocando-se outra vez o mesmo pé.

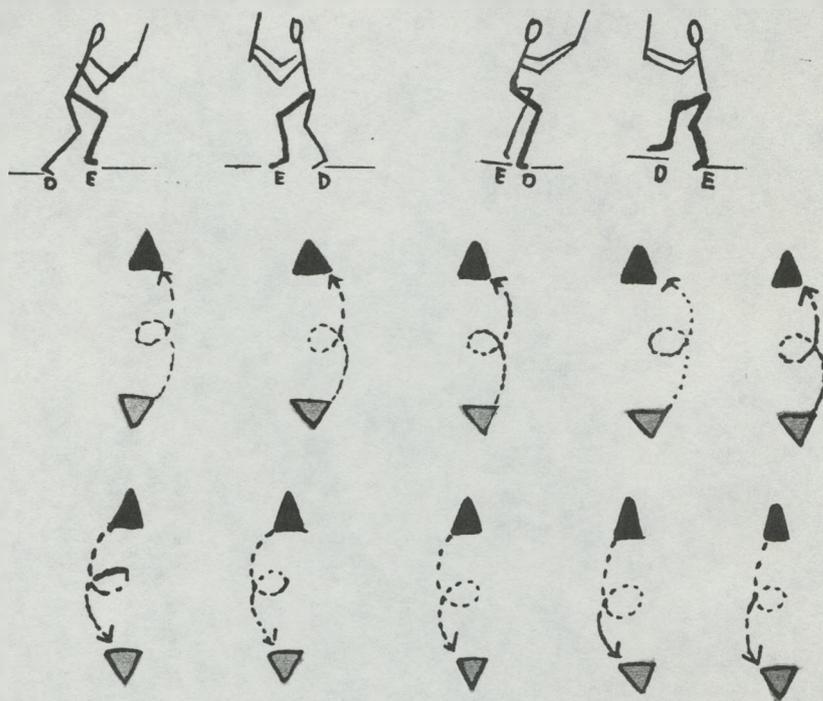
Quando começa a batida dos bastões, os dançadores trocam de fileira. Encontram-se, batem os bastões com o parceiro da linha oposta, depois com o parceiro do lado. O passo acima é repetido posteriormente, porém, com o pé direito.



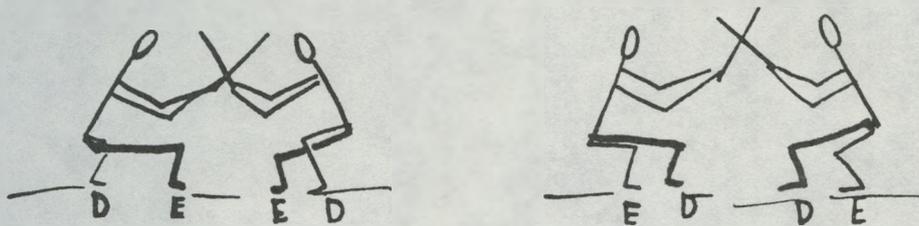
Batida de Bastões



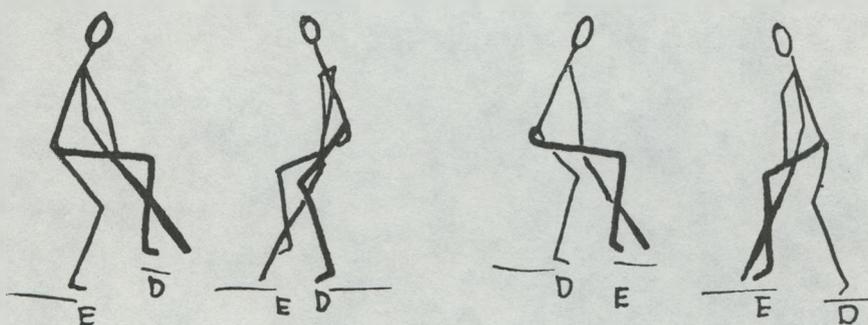
2 — Pulando-se, ora com o pé esquerdo, ora com o pé direito; evoluções, mudando os lugares e, ao fazê-lo, dá-se uma volta com o corpo.



3 — Esse mesmo passo é feito pulando-se, ao mesmo tempo em que se alternam os pés. Uma vez o pé direito vai ao centro da linha, outra vez o esquerdo.

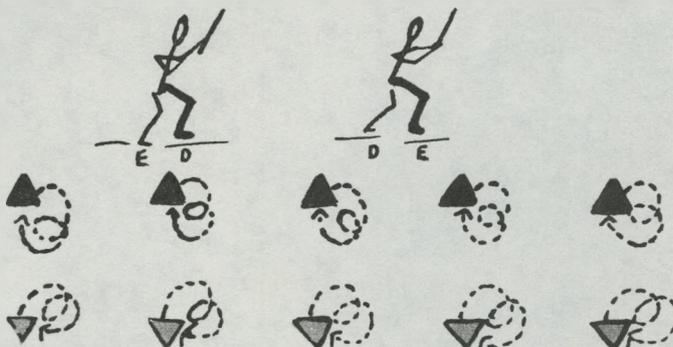


4 — Repete-se êsse mesmo passo, só que agora o fazem de cócoras.

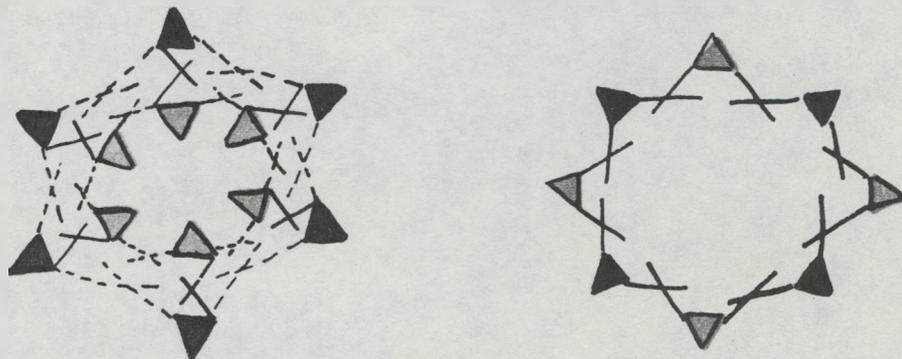


5 — Dança-se passando o bastão sob as pernas, ora a esquerda, ora a direita, pulando-se.

6 — Dançando, saltitando ora num pé, ora no outro, os dançadores giram em tórno de si mesmos.



7 — Dançando, saltitando ora num pé, ora no outro, os dançadores formam uma roda e batem os bastões com os parceiros de um lado e do outro. Continuando êsse mesmo passo da dança, a roda se duplica ficando um dançador à frente do outro. Dançam, girando as duas rodas e quando se encontram batem os bastões.



Muitos outros passos fazem parte da coreografia moçambiqueira, jacareiense, passos que dão à dança um colorido todo especial e magnífico. Dançando sempre, figuras se projetam, ora formadas pelos bastões e ora pelas evoluções características dos dançadores.

#### *Alguns Cantos:*

O canto varia conforme o Santo da festa. Dentre as festas jacareienses, na de São Benedito é obrigatória a presença do grupo de moçambique.

O grupo comparece a outras festas, desde que devidamente convidado. Na hora, as músicas são improvisadas.

Saem do “fundo da alma”, aquêles cantos religiosos, que se tornam quase um apêlo e uma sentida oração a Deus.

Alguns cantos coletados durante um pequeno ensaio do Grupo de Moçambique “São Benedito”:

E o Mestre canta:

O galo do céu canta  
Todos respondem:  
Mas que hora tão bonita  
Menino Jesus nasceu!  
São Benedito, no convento  
E êle estudô...  
Mostrô o primeiro milagre  
Da comida virá em frô.

\* \* \*

Ó dia bonito,  
Ó dia tão claro,  
Ó dia de festa  
Do Rosário!

\* \* \*

Ave Maria...  
Bendita sejas...  
Nossa Senhora da Ajuda,  
Que nos há de ajudá.

\* \* \*

São Benedito,  
Do céu e da terra  
É também...  
O pai de guerra.

\* \* \*

Na luta de espada,  
Quero vê o sangue corrê,  
Da dança do moçambique  
Só largo quando morrê!

\* \* \*

Dia 13, Santo Antônio,  
Vinte e quatro, São João,  
Vinte e nove é São Pedro  
Com sua chave na mão.

\* \* \*

Paz no céu e na terra,  
Paz nos home e nas muié,  
Paz em tôda a humanidade,  
Sôbre o povo de Israé.

\* \* \*

A Estrêla era,  
 É a Virge Maria,  
 Divina Glória,  
 Mãe de Deus...  
 Viva Mestre, Contramestre,  
 Viva todo dançadô,  
 Viva a nossa Raínha,  
 Nosso Meirinho,  
 Nosso Rei e Imperadô.

\* \* \*

E assim, prossegue o Mestre, com certa dolência e um ar místico.

Para se conhecer o Moçambique, para entendê-lo, é necessário que nos introduzamos no meio dêles, nêsse ambiente de irmãos e amigos. Foi assim que participamos de ensaios do grupo e comparecemos a várias festas.

Uma das festas foi realizada na zona rural, no Bairro do Paudalho, em Jacaré, onde a atração maior foi o moçambique, dançado pelo Grupo de Moçambique "São Benedito", de nossa cidade.

Era um domingo ensolarado, após uma noite de chuva, quando às oito horas um caminhão se aproximou da residência de Joaquim Faria, o Mestre do Moçambique. Ali estavam os moçambiqueiros reunidos.

O caminhão os conduziu ao Bairro do Paudalho. Bairro êste, localizado ao longo da Via Presidente Dutra. Após andarmos vinte minutos sob uma pequena "estrada de roça", e divisarmos com algumas fazendas, gados, olarias... chegamos a uma fazenda onde realizar-se-ia a festa.

Uma casa, caracteristicamente rústica, até certo ponto pobre, onde café estava sendo distribuído à vontade.

O terreiro estava arrumado, cercado com bambus e enfeitado com bandeirinhas. O altar de São Benedito estava ali erguido, no centro do terreiro, todo emoldurado com fitas vermelhas e bandeirinhas.

Terminado o lanche, todos se dirigiram ao terreiro: dançadores, assistentes e curiosos. O Mestre iria iniciar a dança...

Aproxima-se êle da caixa e a toca três vêzes seguidas. Todos os dançadores já sabem que o aviso à dança foi dado, e começam a se movimentar, a fim de completarem suas vestimentas e se organizarem.

Vestem o "pelourinho ou murse"; coloca-se o barrete; pega-se os bastões, paíás... e começam a se reunir.

O Mestre se aproxima calmamente e distribui as faixas vermelhas, que serão colocadas, transpassando o peito dos dançadores, onde se lê: — Jacaré — S. N. N. S. (São Benedito — Nossa Senhora). Recebem também as suas faixas: a Raínha, o Meirinho e as "Pegadeiras de Bandeira".

Outra faixa azul, que será amarrada sôbre a cintura, é distribuída, e um auxilia o outro, a fim de se dar o nó. Enfim, parece que tudo se organiza...

A Raínha e as "Pegadeiras de Bandeira" trazem o estandarte, que lhes é dado pelo Mestre. Ficam colocadas uma de cada lado do pequeno altar, e a Raínha no centro.

O Mestre se dispersa silenciosamente do grupo e inicia uma oração dando Graças a Deus pela festa e agradecendo a beleza do dia e a harmonia do grupo, pedindo a São Benedito proteção para que tudo transcorra bem. Sua oração é breve mas com todo o fervor e devoção. Seu semblante deixa transparecer tudo o que lhe vai n'alma, aquela pureza de coração, aquêlê fervor religioso...

Dirige-se o Mestre ao centro do terreiro e com voz forte e vibrante ordena para que as fileiras se organizem.

E com uma só vontade e um só desejo, todos se ajoelham e oram. Essa oração é um leve e choroso canto, onde a voz do Mestre é a mais forte, sendo acompanhado pela dos dançadores que chega a ser um leve e embalado sussurro.

Pelo Sinar  
Livrai Nosso Senhô  
Em nome do Pai, do Fio, do Espírito Santo junto com a Virge  
[Maria.

Padre Nosso, Ave Maria,  
Rezemos e oferecemos  
Por intenção de São Benedito  
Por intenção de Nossa Senhora do Rosário  
Por intenção do Divino Espírito Santo  
Por intenção de São Sebastião  
Por intenção de todo o Santo de nossa gente  
Por intenção do festero e da festera  
Por intenção dos moçambiqueiro  
Por intenção de todo que tiver presente  
Padre Nosso, que estai no céu  
Santo seja, vosso nome  
Venha a nói o vosso reino  
Seja feita a vossa vontade  
Assim na terra como no céu  
O Pão nosso de cada dia  
Dai-no hoje e perdoai  
A nossa ofensa assim como nós  
Perdoamo os nosso ofensore  
E não deixe cair em tentação  
E livra de todo mar  
Amém.

Ave Maria cheia de graça,  
Senhor convosco e bendita soi  
Entre as muié e bendita o seu fruto  
De vosso ventre, Jesus.  
Santa Virge Maria, Mãe de Deus,  
Rogai por nós pecador  
Agora, na hora de nossa morte,  
Amém.

E nós reza e oferecemos  
 Em sufrago a benditas armas  
 Que sofre no Purgatório  
 A Deus tenha misericórdia  
 Nossa Senhora Conceição, Virge  
 Maria, Nossa Senhora  
 Mandai recomendá  
 A Santa Igreja Católica.

O silêncio se faz. O Mestre então fala, ordenando que se levantem. Todos largam os seus bastões no chão, ficando só com os paiaás. Os tocadores saem da fila, indo se colocar ao lado do grupo e começam a tocar.

Ao toque dos instrumentos, inicia-se um canto que diz:

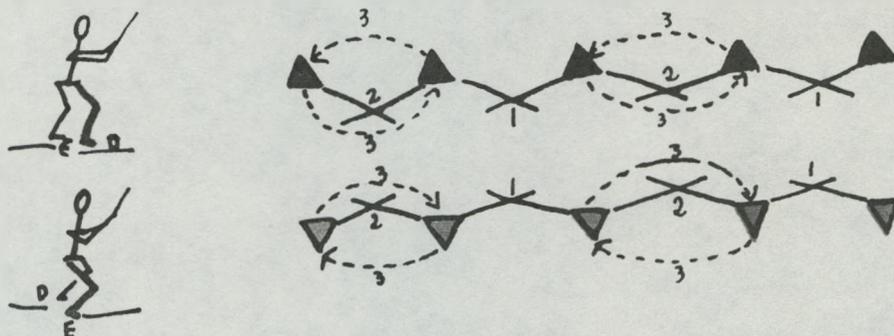
Ai, São Benedito,  
 Manda amarra conga.  
 Ai, São Benedito  
 Manda amarra conga...

E assim prossegue, até que todos os dançadores tenham amarrado os seus tênis e a seguir os paiaás sôbre as calças, na altura do tornozelo.

Sempre cantando, após terminada essa tarefa, êles se colocam em pé e iniciam os primeiros passos. Pega-se então o bastão, e os passos de dança continuam, mas o canto é substituído por outro, onde se escuta:

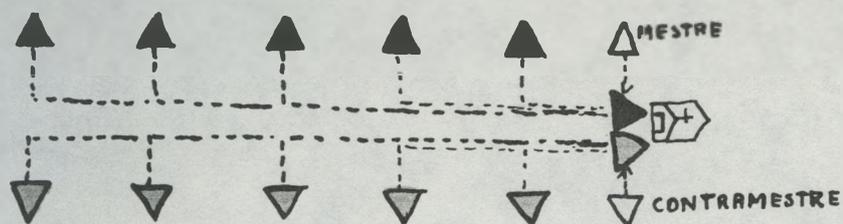
Nóis temo de obrigação,  
 Por tôda parte que andá,  
 Primeiro sarvá bandeira,  
 Pra depois sarvá o artá.

Saltitando, ora sôbre um pé, ora sôbre outro, avançando, ora o pé direito à frente, acompanhado por uma paradinha, ora o esquerdo, êles iniciam as evoluções com os companheiros ao lado.

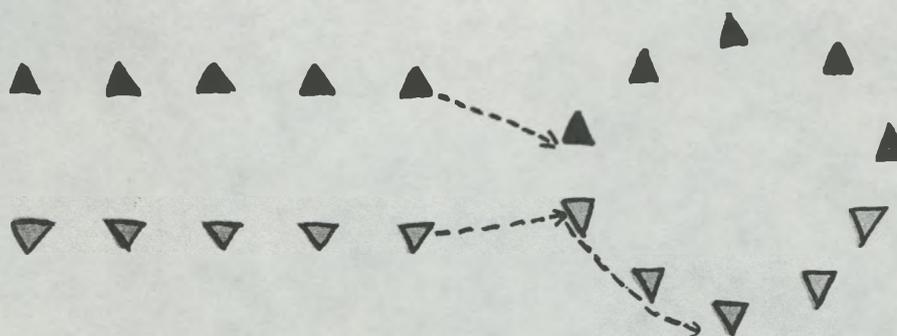


Quando êles fazem essa saudação à bandeira e ao altar, os bastões são recolhidos, pois são armas, e a bandeira e o altar santuário são sagrados.

Novos passos vão se perfilando, e o “saudamento” à bandeira é feito da seguinte maneira: iniciando-se pelo Mestre e Contramestre, que se deslocam de seus lugares e, sempre dançando, se colocam à frente do altar, as mãos postas como para orar, seguindo-se todos os dançadores.



Ao terminar o “saudamento”, as evoluções se processam, uma volta é dada como se fôsse uma roda, finalizando assim a saudação.



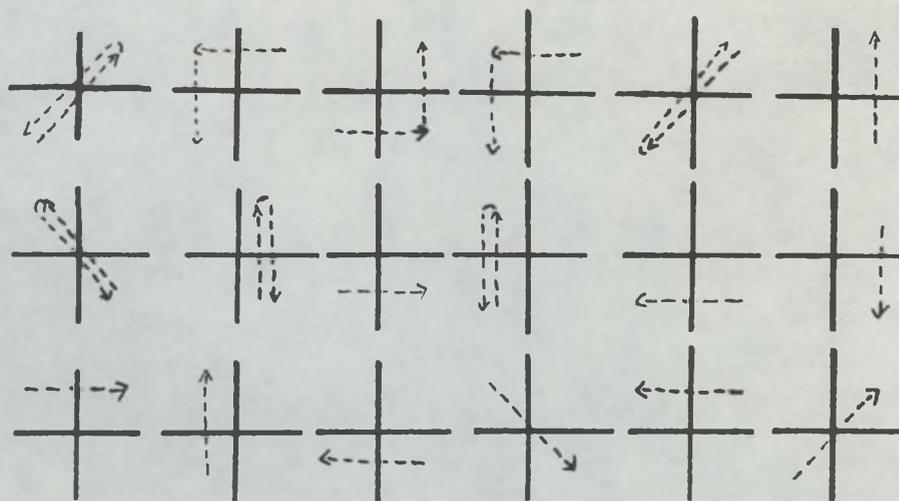
Os bastões são novamente distribuídos. Inicia-se um novo canto:

Estrêla,  
É da Virge Maria,  
Rei São Benedito,  
Meu grorioso São Benedito,  
Que no seu artar êle está,  
E lançai a sua santa benção,  
Na hora de nós dançá.

Os bastões são colocados no chão em forma de cruz. E cantando sempre, os dançadores os pulam em todos os sentidos, iniciando-se pelo Mestre e finalizando-se pelo Contramestre.

Ó Estrêla, é da Virge Maria  
 Ó Virge Santa,  
 Nossa Senhora do Rosário.  
 Vou pulá ponte de cativo,  
 Vou pulá ponte de cativo.

E assim, repetindo-se sempre, até dançar o último componente do grupo, que é o Contramestre.



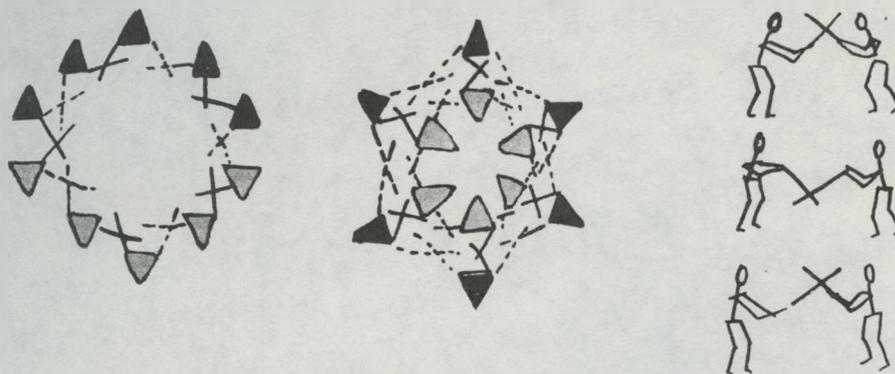
Enquanto os dançadores continuam cantando, o Mestre retira os bastões do centro das fileiras e os devolve aos donos. Retoma o seu lugar, e finaliza o canto anterior, iniciando um nôvo, juntamente com uma nova evolução.

O canto seria assim:  
 Ó Estrêla, é da Virge Maria,  
 Sarve, Rei São Benedito  
 Valê Senhô. . .  
 Ó meu São Benedito,  
 É São protetô,  
 Valê, valê,  
 Santo Profeta.

Ai, São Benedito,  
 Que a dança do arruá,  
 Faço ponta, tiro ponta,  
 Não dexa a banda pará.

Os dançadores se dispõem em uma roda, onde batem os bastões com seus parceiros. Essa roda se subdivide, girando ambas, só que em sentido contrário. Ao se encontrarem, os dançadores batem os bastões, em cima, em baixo, em cima.

Essa evolução continua por uns cinco ou dez minutos e quando o Mestre a finaliza, os dançadores retornam a seus lugares.



Novas evoluções se sucedem e novos cantos aparecem:

Nossa Senhora da Ajuda,  
É a mãe de Nosso Senhô,  
Eu confesso meu êrro,  
Pra Nosso Deus, Nosso Senhô.

E a festa se prolonga por duas ou três horas, que parecem alguns minutos apenas. O cansaço vai se aproximando dos dançadores e o Mestre começa a notar.

Sua voz é uma ordem. Então, o Mestre ordena o fim da dança. E eles a finalizam, como iniciaram, ou seja, orando e rendendo graças a Deus e a São Benedito, pela maravilhosa dança e por tudo ter corrido bem.

O moçambique se interrompe, mas a festa continua...

Às dezessete horas, após um belo almoço e lanche da tarde, o Grupo de Moçambique "São Benedito" é trazido novamente à cidade, onde se dispersam, cada qual, rumo a seu lar. Mais um dia se vai, e cada moçambiqueiro vai ciente de ter cumprido, de acordo com a vontade de Deus, a sua missão.

O moçambique nos deixa um profundo sentimento no coração. É a dança, o canto, o grupo. Seus pensamentos, suas relações, seus anseios, suas devoções, seu amor nos são transmitidos, sem que deles tenhamos conhecimento.

Essa foi uma das muitas festas moçambiqueiras; talvez não tenha sido uma das melhores, mas foi para nós, a mais significativa, pois pudemos compreender que esse grupo se realiza a cada passo que dá, a cada canto improvisado, entoado pelo Mestre. Eles estavam em seu próprio ambiente, ou seja, na roça, como dizem. Ali, a natureza está mais junto de nós, o dia é mais claro, o pássaro canta mais alto, e o moçambique se transforma em um maior esplendor.

Dentre as muitas festas que participou o nosso Grupo Moçambiqueiro, esta parecia ser a mais autêntica, às nossas vistas.

*Algumas anotações sôbre o linguajar moçambiqueiro de Jacaréi:*

Ao tomarmos contato com os nossos moçambiqueiros descobrimos fenômenos vários, que podem ser incluídos dentro de diversos campos de estudo. Cada moçambiqueiro é um todo complexo, a ser explorado, cautelosamente. Mas algo nos chama a atenção — é a sua peculiar maneira de falar. É o linguajar característico do nosso “caipira”, do nosso “homem da roça”.

Anotamos aqui alguns exemplos de modificações, que se manifestam nêsse linguajar:

- 1 — Temos a supressão do *r* final — Ex.: imperadô, corrê, morrê, ajudá, etc.
- 2 — A supressão do *m* final em muitas palavras — Ex.: home, Virge, etc.
- 3 — A supressão do *i* em alguns sufixos — Ex.: Merinho, bandera, fester, dexta, etc.
- 4 — A transposição do *r* em muitas palavras — Ex.: percisa, perfere, etc.
- 5 — A transposição do *s* em muitas palavras — Ex.: depois etc.
- 6 — A supressão do *s* final em quase tôdas as palavras — Ex.: temo, soi, oferecemo, demo, etc.
- 7 — Supressão do *lh* em algumas palavras — Ex.: trabaio (trabalho), muié (mulher), etc.
- 8 — Substituição do *o* por *e* — Ex.: semo, sabeme-lo, etc.
- 9 — Supressão do *a* inicial — Ex.: bençoá, contecido, panhá, etc.
- 10 — Substituição do *l* por *r* — Ex.: sarva, artar, grorioso, etc.
- 11 — Supressão do *s* final e acréscimo de um *i* em algumas palavras como: época para épra, etc.
- 12 — Substituição da terminação verbal: viero, foro, etc.

Alterações várias se manifestam no linguajar de nosso moçambiqueiro, além dessas por nós citadas. Se, minuciosamente, alguém se interessasse na compilação dêsse trabalho, teria um campo muito vasto e interessante, a ser explorado.

*Conclusão:*

Um meio diferente, que nunca nos havia interessado, resplandeceu! Dali tiramos ensinamentos, poesia, exemplos.

Descobrimos alguma coisa que permanecerá, autênticamente, dentro da evolução social dos tempos... e dentro de nós mesmos... Descobrimos uma oportunidade para melhor sentirmos a vida; para melhor compreendermos o nosso povo, suas crenças, seus costumes, suas vidas...

Nêsse meio, que apenas nos tocava de leve, tivemos a oportunidade de sentir a sinceridade que impera; a crença e a fé são inabaláveis; que o respeito ainda tem profunda raiz; que a religião é uma vida diária e perfeita.

A grande tristeza foi sentir a falta de interêsse em se estudar a coreografia popular por parte de especialistas no assunto. Aqui e acolá, se acha compilado alguma coisa, por alguém que, ansioso em conhecer o nosso povo, procurou estudá-lo sôbre algum prisma.

Mas essa falha não foi um obstáculo para nós. Não nos desanimou, e continuamos a ver, ouvir e procurar entender o nosso povo. E eis aqui o nosso

esfôrço. Procuramos ser realistas, por excelência, e relatarmos o mais, autênticamente possível o que vimos. Para nós foi um estudo. Um grande e importante estudo. Não sei se todos os desejos foram satisfeitos, ou se tôdas as finalidades foram atingidas. Sabemos, porém, que o trabalho foi árduo, mas nos deu a sua recompensa. Agora podemos exclamar:

— Como é belo estudar o nosso povo! Sentir de perto o anseio daquêles que, longe da grande perversidade e descrença, se juntam para fazer algo que traduz beleza, harmonia, crença e religião.

O Moçambique nos deixou deslumbrados! Não só a beleza da coreografia, mas também o sentido de organização grupal existente; a sinceridade de seus propósitos!

Disse-nos um dos dançadores:

— “O Moçambique é a nossa vida, e nós cremos sinceramente nisso”.

Um dos cânticos moçambiqueiros autentica essa expressão, onde se lê:

Na luta de espada,  
Quero vê sangue corrê,  
Da dança do Moçambique,  
Só largo quando morrê.

O verso citado é uma verdade. Uma verdade única entre os dançadores do Moçambique. Para êles, os propósitos da Religião e da Crença estão acima de qualquer leviandade mundana.

E o que é o Moçambique então. É a morte, é o ponto final a tudo. É grupo! É dança! É canto! É Religião! É Crença! É autoridade! É responsabilidade! É Vida, enfim...

#### NOTA FINAL.

Há alguns anos atrás, o nosso Grupo de Moçambique era assim.

Contava, nessa época, com um número bastante elevado de participantes, onde todos os cargos possuíam seus ocupantes. Nessa época já era Mestre Joaquim Faria. Era tão feliz como o é agora.

Alguns de seus companheiros permanecem até hoje, junto à Companhia. Outros, já se afastaram, por um motivo qualquer, deixando apenas a saudade como recordação.

Atualmente, o Grupo é menor, mas o entusiasmo é o mesmo de todos os tempos.

...E numa festa, o Grupo de Moçambique “São Benedito” ora, rendendo graças a Deus e pedindo proteção para a dança que irá se realizar.

Inicia-se a dança! A vivacidade das côres e da coreografia resplandecem... A alegria reina na festa! E a saudação é feita.

Muitos passos são executados por nossos moçambiqueiros. E eis aqui o Mestre, a dançar um deles, com grande agilidade e talento.

...E a dança toma “corpo” e, com grande entusiasmo, dançam os moçambiqueiros de Jacaréi.

Todos formam uma grande roda e, ao se encontrarem, batem os bastões...